

Aliança reeditada

• O furacão da crise financeira varre o Brasil, mas a preocupação de muita gente está em outro lugar. Fernando Henrique andou dizendo aos aliados que, se for reeleito, o Ministério terá a cor das urnas. O suficiente para que PFL e PMDB corressem a antecipar a aritmética do poder. Feitas as contas, somadas as expectativas, nove fora, ficou claro: ou FH muda de critério ou terá uma Esplanada povoada de pefelistas e peemedebistas.

Todos sonhando, desde já, com a área social do Governo. Os R\$ 20 bilhões previstos para educação, saúde, reforma agrária e assistência social no Orçamento para 1999 enviado semana passada ao Congresso despertaram os apetites. Caciques do PMDB e do PFL estão certos de que o filé mignon de um possível segundo governo FH, se existir, vai estar aí. Principalmente com o agravamento da crise financeira, que deve cortar as previsões orçamentárias das outras áreas.

Para peemedebistas e pefelistas, que têm projetos de poder para 2002 que passam pelo bom desempenho à frente de ministérios com visibilidade, só há um obstáculo. A maior fatia do filé está e pode continuar na mesa dos tucanos, embora as previsões indiquem que o PSDB sairá das urnas menor do que entrou.

Se levada ao pé da letra, a matemática dos votos, que tira do PSDB os estados mais importantes do país, acabaria com a hegemonia tucana no Executivo. As últimas contas dos próprios tucanos não são animadoras. Mostram que o partido não terá sua força reduzida apenas no número de governadores, que não deve passar de cinco. Nos últimos dias, a expectativa de ter uma bancada de 114 deputados está sendo substituída por um prognóstico mais modesto, algo como 80 deputados. A última esperança do PSDB é cravar mais dois governos aos 45 minutos do segundo turno, em reviravoltas a esta altura improváveis, mas não de todo impossíveis — Mário Covas em São Paulo e Eduardo Azeredo em Minas. Sem isso, pode acabar jantando na copa.

Já o PMDB, que, segundo seu presidente, Paes de Andrade, estava fadado a comer na cozinha tanto quanto no primeiro mandato, está em condições de ser convidado para a sala de jantar do Alvorada. Os dirigentes do partido estão prevendo fazer até dez governadores, de dez a 13 senadores e uma bancada de cerca de cem deputados.

Comensal experiente, um verdadeiro gourmet das cozinhas do poder, o PFL deverá ter menos governos estaduais do que o PMDB — faz, na melhor das hipóteses, sete governadores. Mas pode eleger a maior bancada na Câmara, beirando os cem representantes.

Não se sabe se, nas conversas com os políticos, o presidente vem invocando a lógica das eleições como critério a fim de se livrar de pressões indesejáveis. Ou se, de fato, vai seguir o mapa eleitoral.

O certo é que dirigentes do

PFL e do PMDB estão preparados para cobrar o cumprimento da promessa e esfregam as mãos na antecipação do banquete.

— O presidente sabe que, para governar, vai precisar é do PMDB e do PFL — dizia esta semana um ministro bem situado na Esplanada.

Sócios proprietários da maioria parlamentar do Governo no Congresso, estes aliados esperam — e já começam a deixar claro em recados aqui e acolá — que o Executivo perca alguns traços da face tucana que tem hoje. Peemedebistas e pefelistas bem que gostariam de abocanhar as cobiçadas pastas da Educação e da Saúde. Mas não alimentam esperanças de que o presidente vá prescindir dos tucanos José Serra e Paulo Renato — que constam de todas as listas de ministros candidatos a permanecer num possível segundo mandato.

Os caciques do PMDB e do PFL, que de bobos não têm nada, acham que, ao refazer a equipe, FH vai, mais uma vez, recorrer à velha tática de nomear tucanos e carimbá-los com a etiqueta "cota pessoal". Contra isso não se levantará qualquer argumento.

Os pefelistas podem até acalentar o sonho de ficar com a Educação, na hipótese de identificar chance de Paulo Renato ser aproveitado em outra pasta. Mas não insistirão.

O PFL conta com manter a Previdência e gostaria de ficar com Minas e Energia. Trocaria o Meio Ambiente e o esquecido Mirim, o Ministério das Reformas Institucionais, por pastas politicamente mais interessantes. Pode marcar posição e reconduzir pelo menos um de seus atuais titulares caso o PMDB insista em manter nomes na equipe. O raciocínio aí é: se eles têm ministros bons para ficar no Governo, nós também. O PMDB deve conservar nos Transportes Eliseu Padilha, que desistiu da eleição para ficar com Fernando Henrique. Quer também manter Renan Calheiros na Justiça. E precisa de uma pasta para Goiás, possivelmente para o ex-governador Maguito Vilela. Depois, o céu é o limite. Quer ampliar espaços e exigir um cardápio na área social. Tanto faz se com pastas novas, como Habitação e Saneamento ou Assistência Social, ou com as que já existem.

Do jeito que as coisas vão, Fernando Henrique irá, um belo dia, num segundo governo, sentar-se à mesa, olhar para os lados e perceber que os convidados são os mesmos de um banquete anterior, o da Aliança Democrática.